

Literatura distópica e sociedade da informação: uma análise das menções ao romance *1984* de George Orwell no livro *Modernidade Líquida* de Bauman

José Claudio Matos

Universidade do Estado de Santa Catarina, Departamento de Biblioteconomia,
Florianópolis, SC, Brasil

Enrique Muriel Torrado

Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação, Florianópolis, SC, Brasil

Eliana Maria Bahia Jacintho

Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação, Florianópolis, SC, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v14.n1.2021.31534>

Recebido/Recibido/Received: 2020-05-14

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2020-12-05

ARTIGOS

Resumo: Discute as menções ao romance *1984* de George Orwell, feitas por Zygmunt Bauman em *Modernidade Líquida* (2001). Baseia-se na possibilidade de emprego da literatura distópica como instrumento de reflexão, em diálogo com trabalhos teóricos sobre a sociedade da informação. O objetivo do estudo é discutir a interpretação feita por Bauman acerca do *1984* e sua adequação como alegoria da sociedade da informação. As alusões de Bauman ao *1984* revelam a presença de conceitos, a saber: metáforas de 'sólido' e 'líquido', controle informacional, privacidade e espetacularização da vida social. Estudos recentes sobre a sociedade da informação que fazem referência ao *1984* são recuperados e incluídos na discussão. Resulta deste estudo que, embora Bauman sustente que o romance de Orwell seja uma caracterização da etapa 'sólida' da sociedade moderna, existem razões para defender uma via divergente de interpretação. A conclusão aponta a existência de elementos para a consideração de questões relativas à sociedade da informação na novela de Orwell. Constata-se como a literatura participa de forma relevante do esforço de compreensão crítica da sociedade da informação.

Palavras-chave. Sociedade da informação. Distopia. Vigilância.

Dystopian literature and information society: An analysis of the mentions of George Orwell's *1984* novel in Bauman's book *Liquid Modernity*

Abstract: It discusses the mentions to George Orwell's novel *1984*, made by Zygmunt Bauman in *Liquid Modernity* (2001). It is based on the possibility of using dystopian literature as an instrument of reflection, in dialogue with theoretical works concerning the information society. The aim of this study is to discuss Bauman's interpretation of *1984* in terms of its suitability as allegory of the information society. Bauman's allusions to *1984* reveal the presence of concepts, namely: metaphors of 'solid' and 'liquid', informational control, privacy and spectacularization of social life. Recent studies on the information society that refer to *1984* are retrieved and included in the discussion. It follows from this study that, although Bauman supports that Orwell's novel is a characterization of the 'solid' stage of modern society, there are reasons for defending a divergent path of interpretation. The conclusion points to the existence of elements for the consideration of issues relating to the information society in Orwell's novel. It is observed how the literature participates in a relevant way in the effort of critical understanding of the information society.

Keywords. Information society, Dystopia. Surveillance.

Literatura distópica y sociedad de la información: un análisis de las menciones de la novela de George Orwell de 1984 en el libro de Bauman Modernidad líquida

Resumen: Habla de las menciones de la novela *1984*, de George Orwell, realizadas por Zygmunt Bauman en *Modernidad líquida* (2001). Se basa en la posibilidad de utilizar la literatura distópica como instrumento de reflexión, en diálogo con trabajos teóricos sobre la sociedad de la información. El objetivo de este estudio es discutir la interpretación de Bauman del *1984* y su idoneidad como alegoría de la sociedad de la información. Las alusiones de Bauman al *1984* revelan la presencia de conceptos, a saber: metáforas de 'sólido' y 'líquido', control informativo, privacidad y espectacularización de la vida social. Estudios recientes sobre la sociedad de la información que se refieren al *1984* se recuperan e incluyen en el debate. De este estudio se desprende que, aunque Bauman apoya que la novela de Orwell es una caracterización de la etapa "sólida" de la sociedad moderna, hay motivos para defender un camino de interpretación divergente. La conclusión apunta a la existencia de elementos para el examen de las cuestiones relativas a sociedad de la información en la novela de Orwell. Se observa cómo la literatura participa de manera relevante en el esfuerzo de la comprensión crítica de la sociedad de la información.

Palabras-clave. Sociedad de la información. Distopia. Vigilancia.

1 Introdução

Este trabalho discute a relação entre o romance *1984*, de George Orwell (publicado inicialmente em 1949), e os estudos acerca da sociedade da informação. Especialmente aqui será examinada a interpretação dada ao *1984* por Zygmunt Bauman, em seu livro *Modernidade Líquida* (2000). Esta discussão visa destacar um fenômeno mais amplo de participação da literatura, com ênfase nas obras conhecidas como "distopias", como parte do aparato discursivo empregado para interpretar e compreender criticamente a sociedade da informação.

O termo "distopia" é entendido como discurso ou narrativa ficcional, sobre uma organização social cujas condições de vida sejam indesejáveis, negativas ou perniciosas. O uso deste termo tem crescido na atualidade para se referir a obras literárias ou cinematográficas ambientadas em mundos ou sociedades em que a opressão, a insegurança ou o sofrimento sejam predominantes. Exemplos famosos de distopias na literatura seriam *O Presidente Negro* (LOBATO, 2009), de Monteiro Lobato (publicado inicialmente em 1927), o *Admirável Mundo Novo* (HUXLEY, 2002), de Aldous Huxley (publicado inicialmente em 1932) e o próprio *1984*, de Orwell.

Quando ao *1984*, se trata de uma obra literária que descreve um futuro no qual a humanidade está dividida em três superpotências que estão em guerra constante. Na chamada 'Oceania', que abriga parte da Europa, incluindo Londres, cidade em que se passa a história, o Partido, adepto do chamado Ingsoc (*English socialism* - socialismo inglês) pratica um controle totalitário de todas as atividades humanas. Tal controle dá especial atenção para a produção e disseminação da informação, pelos meios tecnológicos disponíveis. Seu objetivo é controlar o pensamento e, com isso, exercer um poder absoluto e permanente sobre todos os seres

humanos. Winston Smith, personagem principal, narra suas experiências desde o momento em que resolveu escrever em um diário, até quando é preso e torturado.

O horizonte de pesquisas envolvidas nesta reflexão tem a ciência da informação e suas correlatas como interlocutoras, incluindo o campo da comunicação e, em certa medida, estudos sobre a cultura científica e literária. O fenômeno que anima as indagações de que aqui se trata é a configuração recentemente conhecida como ‘sociedade da informação’ (WERTHEIN, 2000) ou ‘sociedade em rede’, no dizer de Castells (2000). Trata-se da forma de configuração da sociedade determinada pelo intenso fluxo informacional tornado possível pelas tecnologias digitais, após a segunda metade do século XX. Serão aqui trazidas à análise abordagens teóricas da forma de vida social caracterizada pelos seguintes elementos:

1. Informação como principal recurso na condução das atividades produtivas;
2. Fluxo cada vez mais volumoso e veloz da informação – na forma de mensagens e artefatos simbólicos (Castells, 2000) – e;
3. Flexibilização ou ‘liquefação’ (BAUMAN, 2001) das relações sociais, tanto oficiais quanto da vida privada.

Neste contexto, a questão que motiva o presente estudo poderia ser assim formulada: Em que medida o texto literário pode ser considerado fonte legítima para alimentar discussões sobre a sociedade da informação - a exemplo daquilo que já fazem autores como Zygmunt Bauman com o *1984* - e como forma de compreender suas dinâmicas, contradições e desafios sociais e intelectuais?

A fim de fazer um recorte que permita o tratamento rigoroso e interessante do tema, se faz a escolha por esta obra do século XX, cuja referência é encontrada, de forma relativamente abundante, nos estudos da sociedade da informação - particularmente naqueles que abordam questões sobre privacidade e vigilância. Após algumas considerações acerca das possibilidades do uso da literatura ficcional na compreensão do mundo marcado pelo intenso fluxo informacional, se espera aprofundar o exame de algumas referências acerca desta obra, no panorama do debate intelectual acerca da sociedade da informação.

Não é raro encontrar referências a Orwell e seu romance em trabalhos que discutem a sociedade da informação. Esta atitude dos estudiosos é prova de que a literatura é uma acompanhante importante do pensamento sistemático da ciência. Em 2005, Armand Mattelard, na conferência intitulada “Sociedade do conhecimento e controle da informação e da comunicação”, falava dos “dispositivos orwellianos de inteligência” (MATTELARD, 2005). O filósofo da informação Luciano Floridi alude a “visões distópicas de agentes informacionais onipotentes” (FLORIDI, 2014, p. 113), e menciona expressamente o *1984*, de Orwell. Em sua

discussão do poder de controle associado às tecnologias de informação e comunicação, Floridi afirma: “O Grande irmão, personagem de *1984* de George Orwell (1903-50), é prontamente associado hoje com a base de dados total” (FLORIDI, 2014, p. 113). Floridi desenvolve uma interessante teoria sobre a participação dos computadores digitais nas relações de poder na sociedade da informação, que o espaço deste artigo não permite discutir em detalhe.

A participação de clássicos da literatura em discursos teóricos geralmente aparece na cultura popular na forma de adjetivos como “homérico”, aludindo ao autor da *Odisseia*, “dantesco”, aludindo ao autor da *Divina Comédia*, ou “kafkiano”, aludindo ao autor de *O Processo*. O adjetivo “orwelliano” se refere - neste contexto - àqueles instrumentos ou situações de vigilância e controle, sobretudo os que são possibilitados por tecnologias de informação. Um estudo interessante poderia ser o levantamento sistemático da disseminação deste adjetivo na cultura digital e impressa, e a verificação dos contextos em que é empregado.

Para os fins da presente discussão parece suficiente mencionar estas falas de Mattelard e Floridi, como exemplos da capacidade expressiva e do significado crítico que o termo “orwelliano” incorpora, por derivar - naturalmente - de sua relação com a obra máxima de Orwell. Esta expressividade e significado crítico foram incorporados por Zygmunt Bauman na escritura de *Modernidade Líquida*, segundo uma estratégia que se espera discutir em detalhes adiante. As alusões feitas por este pensador à novela distópica de Orwell são componentes da estrutura de seu argumento, de forma que o chamado que Bauman faz a seu leitor, para a interpretação e consideração do ‘universo’ orwelliano, é uma condição necessária para a intenção comunicativa de seu pensamento.

2 Horizonte conceitual e decisões metodológicas

Um dos pressupostos deste estudo é que a literatura mobiliza o saber em um processo relativamente livre das regras do relatório científico e de formas de controle por parte dos mecanismos de poder. Por isso, enseja uma atividade epistêmica mais livre e aberta. O teórico da literatura Roland Barthes, formula muito bem esta abordagem quando afirma:

Porque ela encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico mas dramático (BARTHES, 2000, p. 19).

Essa engrenagem do saber de que fala Barthes é justamente o tipo de reflexão que não se encerra, mas que continua a se movimentar, integrada com o movimento da própria vida -

por isso um discurso ‘dramático’. O tipo de reflexão promovida pela literatura seria recomendado, especialmente, como suplemento ao trabalho explicativo das ciências. Sem alongar em profundos exames epistemológicos, basta aqui apontar para a institucionalização e especialização que vem se operando sobre os diversos campos da ciência.

Os próprios processos de comunicação científica, de organização de suas produções e de formação dos cientistas profissionais, estão sujeitos à acusação de serem mecanismos de controle ou, no mínimo, de limitação das formas de investigar e explicar a realidade. As formas científicas de discurso, por assim dizer, estão submetidas a tamanho controle social e institucional que levam Barthes a propor uma espécie de trapaça pela qual o pensamento novamente se engaja na reflexão e no discurso livres e irrestritos: “Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*” (BARTHES, 2000, p. 16). Em adição a este testemunho de Barthes, é possível fazer menção também ao trabalho de Barbosa (2009), a respeito – especificamente - da relação da literatura com o campo da ciência da informação. Barbosa faz alusão aos estudos que, juntamente com o trabalho técnico da ciência

perquirem também a Literatura, demandando-lhe no que esta pode subsidiar, com suas realizações calcadas no imaginário, na estética e no tratamento que ela dá à linguagem, os fundamentos e as ações da Ciência da Informação (BARBOSA, 2009, p. 78).

No presente trabalho esta proposta é aceita e levada a termo, com o olhar voltado para o *1984*, de Orwell. Admitindo o poder da obra literária para engrenar o pensamento e liberar a reflexão do jugo de restrições à linguagem e seu poder de representação, considerando a fertilidade de tal proposta para os estudos da informação, é que se constrói o argumento aqui desenvolvido. O tipo de leitura que aqui se faz envolve adotar o que Umberto Eco (1994) chamou de “acordo ficcional”: uma negociação entre o autor e o leitor de um texto de ficção, pelo qual é possível considerar a plausibilidade e a coerência lógica dos contextos e das estruturas de conceitos que animam a narrativa.

A base bibliográfica para este trabalho foi formada através de buscas no *Portal de Periódicos CAPES* e na *Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos da Ciência da Informação* (BRAPCI), utilizando como termos de busca: “Orwell” e “sociedade da informação”, isolados e combinados pelo operador booleano de conjunção. Os artigos recuperados foram inicialmente selecionados pela leitura do resumo e, em seguida, pela leitura diagonal de seu conteúdo. O critério utilizado para a seleção eliminou artigos cuja área de conhecimento ou a temática não se aproximavam do problema inicial deste estudo e incorporou os artigos cujo

tema contribui na discussão do problema. Este procedimento de pesquisa resultou no corpo de referências do presente artigo.

O procedimento de análise adotado neste estudo segue as minhas gerais da metodologia qualitativa conhecida como ‘teoria fundamentada’ (*grounded theory*), tal como apresentada por Strauss e Corbin em seu livro *Pesquisa qualitativa – Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada* (STRAUSS; CORBIN, 2008). Na definição destes autores, a teoria fundamentada consiste na “teoria que foi derivada de dados, sistematicamente reunidos e analisados por meio do processo de pesquisa” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 25). A alguns leitores pode parecer incomum considerar o conteúdo de livros - especialmente de ficção, como é o caso do *1984* - como dados. Mas, é justamente por permitir essa interpretação que a teoria fundamentada foi escolhida como base metodológica do estudo.

A pesquisa se constitui das etapas de amostragem, codificação e redação do artigo em sua forma final. A amostragem envolve a reunião das passagens em que Bauman alude a Orwell e ao *1984* no texto de *Modernidade Líquida*. Uma vez cumprida esta etapa, passa-se à codificação que, conforme Strauss e Corbin, corresponde aos “processos analíticos por meio dos quais os dados são divididos, conceitualizados e integrados para formar a teoria” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 17). Durante a codificação são identificados os conceitos de que Bauman procura tratar aludindo ao livro de Orwell. Uma nova etapa de amostragem se dirige ao *1984*, em busca de evidências que deem significado aos conceitos formulados a partir da análise das passagens de Bauman. Trata-se de um movimento constante de ida e volta entre as duas obras. O rigor do procedimento deriva, justamente, da análise dos conceitos encontrados no texto de Bauman, de forma que a teoria resultante possa se justificar pelos dados.

A partir do emprego desta estratégia, foi possível obter os resultados que em seguida se passa a expor. Na estrutura do artigo, os conceitos resultantes da codificação estão apresentados na forma de subitens, conforme a ordem de sua aparição no livro de Bauman. Ao final, o estudo apresenta as conclusões que a análise permitiu formular, a partir do emprego desta metodologia.

3 Orwell e o *1984* na obra *Modernidade Líquida* de Bauman

Muito próximo do lançamento de *Modernidade Líquida* no Brasil, sai publicado o artigo “A sociedade da Informação e seus desafios” (Werthein, 2000). Seu autor, então representante da UNESCO no país, procura caracterizar o sentido do termo “sociedade da informação”, aludindo a uma revolução tecnológica com profundos efeitos em diversos setores da vida social,

que têm em comum o fluxo informacional. Jorge Werthein afirma: “Os desafios da sociedade da informação são inúmeros e incluem desde os de caráter técnico e econômico, cultural, social e legal, até os de natureza psicológica e filosófica” (WERTHEIN, 2000, p. 75). A compreensão e o encaminhamento de respostas a tais desafios conforme a ideia defendida na presente reflexão, envolvem a possibilidade de lançar mão de todos os recursos disponíveis para a utilização da inteligência como método de controle e coordenação de esforços. Esta possibilidade permite dar significado aos eventos e processos da sociedade da informação, tais como a concentração de poder, a vigilância, a necessidade da inclusão das comunidades no espaço digital e o desenvolvimento das competências informacionais e digitais.

Narrativas ficcionais, especialmente as que se tornaram clássicas por sua qualidade estética e estruturação do enredo, possuem a propriedade de dar suporte ao intelecto neste esforço individual e coletivo de atribuição de significado à sociedade da informação. É neste panorama que se situam as obras da literatura distópica, por seu chamado para o pensamento crítico acerca das vias que a sociedade percorre em direção ao futuro imaginado pelos autores.

Por meio da amostragem é possível identificar, no texto de *Modernidade Líquida* de Bauman, que “Orwell” é mencionado 19 vezes. Em outra obra de Bauman: *Vigilância Líquida* (publicado inicialmente em 2012) “Orwell” aparece 10 vezes. Independentemente da interpretação que Bauman faz do romance *1984*, é preciso reconhecer de antemão que esta obra é uma referência importante para este pensador, na composição do seu próprio discurso. As menções feitas por Bauman a Orwell e ao *1984* em *Modernidade Líquida* se situam em quatro momentos dentro do livro. Em cada ocasião, Bauman ilustra um tema ligeiramente diferente de sua argumentação, por meio da alusão à história de Orwell. A codificação destas menções permitiu formular os temas ou conceitos principais de que Bauman trata, em cada um dos diferentes momentos.

3.1 Sobre os temores da modernidade sólida e o papel da crítica - incluindo a teoria crítica clássica

Bauman afirma: “Na época em que foi escrito, o *1984* de George Orwell era o mais completo – e canônico – inventário dos medos e apreensões que assombravam a modernidade em seu estado sólido” (BAUMAN, 2001, p. 34). O ponto em discussão é exatamente a interpretação dos sentidos de “sólido” e “líquido” referindo-se às etapas de desenvolvimento histórico da modernidade. Este conceito é identificado entre as páginas 34 e 36 de *Modernidade Líquida*.

Bauman é seguido por outros autores, que são mencionados adiante, na ideia de que a distopia de Orwell caracteriza a etapa “sólida” da modernidade, ao mesmo tempo em que prefere considerar “‘fluidez’ ou ‘liquidez’ como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade” (BAUMAN, 2001, p. 9). A solidez representa o aspecto ordenador, caracterizado por princípios, forma e estrutura bem definidos. Em sociedade, este aspecto se apresenta especialmente no funcionamento hierárquico e na centralização das estruturas de poder. A liquidez representaria, por sua vez, o aspecto flexível e dinâmico, a incorporação da mudança constante nas estruturas sociais. Em sociedade, este aspecto se manifesta especialmente na relação entre o indivíduo e a coletividade, assim como nas relações de comunicação.

Bauman acredita que, por representar os temores e flagelos de uma modernidade rígida, ordenadora e centralizadora do poder, o romance de Orwell foi recebido com pouco entusiasmo pelos leitores da posteridade, quando a situação social passa a ser a da chamada modernidade líquida. Segundo ele: “Chegado o 1984 real, a visão de Orwell foi prontamente lembrada, trazida novamente ao debate público, como era de se esperar, e, mais uma vez (talvez a última), amplamente considerada” (BAUMAN, 2001, p. 35). Talvez seja interessante recordar que este foi o ano do lançamento da versão cinematográfica do livro, dirigida por Michael Radford. Claro que a escolha do ano de 1984 para o lançamento do filme homônimo não é casual. Em meio a um momento histórico marcado pela tensão entre superpotências, crises políticas e revolução tecnológica, a discussão da distopia de Orwell encontrava forte motivação.

Bauman prossegue, contudo, afirmando que:

Mesmo assim, a brevidade da celebração de 1984, a tepidez e o rápido esfriamento do interesse que produziu e a velocidade com que a obra prima de Orwell novamente afundou no esquecimento uma vez passada a excitação criada pela mídia nos fazem parar para pensar (BAUMAN, 2001, p. 35).

Não parece ser possível admitir que tenha havido um esquecimento generalizado da obra de Orwell, como as palavras de Bauman podem induzir a crer. Basta lembrar que alusões ou criações inspiradas pelo *1984* são bastante frequentes em discursos teóricos e estéticos, como é o caso, por exemplo, da conhecida novela gráfica *V de Vingança* (MOORE; LLOYD, 1989) com roteiro de Alan Moore (inicialmente publicado em 1988). Entretanto, o fato de que outras obras tenham chamado atenção do público e de especialistas não é de surpreender, em um final de século marcado por tantas transformações e acontecimentos marcantes.

Não obstante, Bauman acrescenta que:

A única explicação razoável é que as pessoas que discutiram o livro em 1984 não se sentiram estimuladas e ficaram quase indiferentes ao assunto que tinham sido encarregadas de discutir e ponderar, porque não mais

reconheciam na distopia de Orwell suas próprias aflições e agonias, ou os pesadelos de seus semelhantes (BAUMAN, 2001, p. 35).

Bauman, portanto, elege a novela de Orwell como uma referência alegórica dos aspectos desafiadores da modernidade, aos quais seria preciso dirigir a crítica sistemática. Por outro lado, desqualifica a precisão desta alegoria, quando interpreta o cenário de Orwell como alusivo a um momento histórico que a modernidade já ultrapassou.

Neste ponto, e em alguns momentos a seguir, o presente trabalho espera responder a esta interpretação de Bauman, tentando argumentar em favor de que há aspectos de flexibilidade, fluidez e, portanto, 'liquidez' nas relações sociais descritas no *1984*, que escapam ao olhar de Bauman. Na verdade, se poderia em geral fazer o reparo de que Bauman, embora imaginativo e fecundo em suas observações, foi um leitor um pouco descuidado do romance de Orwell, o que não invalida o restante de suas concepções.

Na esteira de suas reflexões sobre a recepção e o suposto esquecimento subsequente do *1984*, Bauman reforça o papel da crítica, e alude especificamente à teoria crítica, que tem como berço teórico a Escola de Frankfurt, em meados do século XX, à qual Bauman declara sua vinculação intelectual. Diz ele:

Parece que o tipo de sociedade diagnosticada e levada a juízo pelos fundadores da teoria crítica (ou pela distopia de Orwell) era apenas uma das formas que a versátil e variável sociedade moderna assumia. Seu desaparecimento não anuncia o fim da modernidade (BAUMAN, 2001, p. 36).

Bauman fala de um projeto de modernidade que, ao invés de se extinguir, se renova, se flexibiliza, se modifica e, ao perder sua forma original, se reafirma. É este o objeto de análise da teoria crítica de que fala Bauman.

Trata-se da mesma forma de crítica que, em meio à ascensão do nazismo na Europa, renunciando a Segunda Grande Guerra e a era da informação que a ela se seguiu, era empreendida por estudiosos como Walter Benjamin, quando procurava caracterizar a etapa industrial da modernidade. Benjamin encontrou na obra poética de Charles Baudelaire, vestígios a partir dos quais traçar a fisionomia social da metrópole urbana industrial, representada por Paris. Em diversos textos, Benjamin fez uso da obra literária e poética como instrumento para a crítica do modo de vida social que o capitalismo estava estabelecendo, no auge da modernidade industrial. Um dos maiores exemplos deste procedimento é seu ensaio sobre a poesia de Charles Baudelaire (BENJAMIN, 1989).

Na presente análise, o processo que está em andamento é muito similar: elaborar elementos para a interpretação e a reflexão crítica acerca da sociedade da informação, em diálogo com seus conhecidos estudiosos e ressaltando a relevância do papel da literatura neste

processo. O caso específico em foco para essa tarefa é o *1984*, visto ser esse livro reiteradamente mencionado e citado por Bauman, mesmo que não seja possível concordar com todos os elementos de sua interpretação.

O artigo de Falk e Rodrigues, “O problema da vigilância na sociedade da informação tecnológica: considerações introdutórias” (2015), por exemplo, alude ao pensamento de Bauman, quanto ao problema do “monitoramento contínuo exercido pelo Estado em toda a sociedade” (FALK; RODRIGUES, 2015, p. 3). Os autores falam da centralização da vigilância, observada na novela de Orwell, e da diluição ou descentralização desta vigilância na sociedade da informação. Para os autores, a vigilância atualmente “se encontra diluída em toda parte” (FALK; RODRIGUES, 2015, p. 06). Esta seria, para eles como para Bauman, uma forte razão para interpretar o *1984* como um modelo sólido de controle social, diferente do modelo flexível, fluído e ‘líquido’ de controle que se observa na atual sociedade tecnológica.

Dizem os autores:

Diferentemente do romance orwelliano em que a vigilância se apresenta como amedrontadora e centralizada em um Estado totalitário, observamos hoje uma presença ‘amiga’, ‘transparente’ da vigilância personalizada’ (FALK; RODRIGUES, 2015, p. 5).

Esta interpretação, condizente com a interpretação do próprio Bauman, leva a postular uma dicotomia entre o modelo rígido de vigilância estatal atribuído à sociedade do *1984*, e o modelo fluído e líquido de vigilância detectado na sociedade da informação. Com base nesta repartição dicotômica, os autores concluem pela “incapacidade explicativa do modelo orwelliano de vigilância” (FALK; RODRIGUES, 2015, p. 7). O enredo da obra de Orwell seria, nesta linha de interpretação, incapaz de contribuir com o esforço de explicação do quadro social de vigilância da sociedade tecnológica dos dias atuais.

O que precisa ser criticamente observado é que, primeiramente, não seria adequado falar de “explicação” como se a obra de Orwell pudesse ser tratada como uma teoria da vigilância, destinada a explicar os fenômenos da sociedade da informação. No máximo, conforme se espera ter mostrado aqui, esta obra fornece um cardápio organizado de conceitos, numa formulação interessante e plausível o suficiente para apresentar questões, a partir das quais se pode refletir acerca da vida real. Fazendo este reparo ao que afirmam Falk e Rodrigues (2015), resta a possibilidade de discutir se a interpretação seguida por eles para o tema da vigilância, no *1984*, se sustenta em vista do próprio texto de Orwell. Lembremos que Bauman vai nesta mesma direção, pois alega que o cenário distópico do *1984* é representativo de uma modernidade rígida, centralizadora, ordenadora, e que é incongruente com a fluidez e flexibilidade da modernidade em seu estado líquido.

Uma resposta possível envolve o próprio procedimento de interpretação da novela de Orwell. Com tantas passagens relevantes, tantas falas significativas dos personagens e, adicionalmente, tanto discurso produzido pela tradição de crítica e comentário da obra, seria possível arregimentar elementos em favor dessa descontinuidade entre sólido e líquido, conforme prefere Bauman, assim como Falk e Rodrigues. Contudo, a interpretação de uma obra literária não é um processo exato, como uma demonstração matemática, mas antes, fundada em razões encontradas no próprio objeto interpretado, opera uma construção de significado, em que o leitor é relativamente autônomo.

Temas de discussão recentemente apresentados ao debate sobre a sociedade da informação, como o da desinformação e o da pós-verdade, são representados em vários momentos da história de Orwell. Um dos fundamentos da estrutura de poder que funciona no romance é uma atitude conhecida como “duplipensar” (*doublethink*). Winston Smith a descreve assim:

Saber e não saber, ter consciência de completa veracidade ao exprimir mentiras cuidadosamente arquitetadas, defender simultaneamente duas opiniões opostas, sabendo-as contraditórias e ainda assim acreditando em ambas; usar a lógica contra a lógica, repudiar a moralidade em nome da moralidade... (ORWELL, 2003, p. 37).

Pode-se, com base nestes elementos, defender uma linha argumentativa em que a principal evidência da liquefação do projeto moderno é o relativismo em relação à opinião, ou à confiabilidade de toda a informação circulando na sociedade. Neste sentido, poucos textos literários caracterizam melhor esta fase de dissolução da certeza objetiva do que o *1984*, onde o duplipensar é vastamente disseminado e encorajado nas pessoas.

3.2 Sobre o controle e a hierarquia social

No início do capítulo 2, intitulado “Individualidade”, Bauman compara as distopias de Orwell e de Aldous Huxley, a saber, *1984* e *Admirável Mundo Novo* (HUXLEY, 2002). Afirma ele que “os mundos retratados pelos dois visionários distópicos eram tão diferentes quanto água e vinho” (BAUMAN, 2001, p. 64). Com certeza, a vida social na narrativa de Orwell incorpora muito mais terror e sofrimento do que aquela que se encontra na história de Huxley, na qual uma vida de prazeres e satisfação imediata de necessidades é usada como forma de controle e estabilidade social. Mas, naturalmente, Bauman pôde detectar importantes elementos em comum:

O que elas compartilhavam era o pressentimento de um mundo estritamente controlado; da liberdade individual não apenas reduzida a nada ou quase

nada, mas agudamente rejeitada por pessoas treinadas a obedecer ordens e seguir rotinas estabelecidas; de uma pequena elite que manjava todos os cordões – de tal modo que o resto da humanidade poderia passar toda sua vida movendo-se como marionetes; de um mundo dividido entre administradores e administrados, projetistas e seguidores de projetos (BAUMAN, 2001, p. 64).

Tal nível de controle precisa de mecanismos para se efetivar. O principal desses mecanismos é a tecnologia da informação e a forma como seu uso pode reforçar certas hierarquias e estruturas de poder.

O controle social pela via da informação e da cultura é exatamente o que se percebe na leitura de distopias como *Admirável Mundo Novo* e, especialmente, *1984*. *Admirável Mundo Novo* traz passagens como a seguinte:

- E esse – interveio sentenciosamente o Diretor – é o segredo da felicidade e da virtude: amarmos o que somos obrigados a fazer. Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar (HUXLEY, 2002, p. 25).

Um projeto colossal de controle social constante, pelo condicionamento e controle da informação, submete absolutamente todas as pessoas da sociedade descrita no livro, de forma a que se mantenha a pretendida estabilidade.

No *1984*, o personagem Winston Smith comenta, sobre a alteração do conteúdo de documentos impressos:

Esse processo de alteração contínua aplicava-se não apenas a jornais, como também a livros, publicações periódicas, panfletos, cartazes, folhetos, filmes, bandas de som, caricaturas, fotografias – a toda espécie de literatura ou documentação que pudesse ter o menor significado político ou ideológico. Dia a dia e quase minuto a minuto o passado era atualizado (ORWELL, 2003, p. 41).

O conceito de controle através da informação é tratado por Bauman entre as páginas 64 e 69 de *Modernidade Líquida*. Ali o autor reconhece que o *1984* descreve um controle praticamente total da informação e da documentação produzida em sociedade.

Em um trabalho intitulado “1984 – Uma análise sobre o controle da informação no filme e no livro”, apresentado em 2007, Morhy reconhece que, na novela de Orwell, absolutamente toda a produção de informação documentada é controlada pelo Partido. Alude ao “fluxo da informação”, como o movimento de produção, acesso e uso desta informação no ambiente social. Este fluxo, na história de Orwell, tinha a função de gerar uma realidade percebida sob a única ótica possível, a ótica do Partido: “Os campos são cultivados com arados de tração animal enquanto os livros são escritos por máquinas” (ORWELL, 2003, p. 186). Essas e outras discrepâncias tecnológicas refletiam projetos altamente sofisticados de controle. No romance, a confiança epistêmica na realidade objetiva era completamente infensa aos objetivos do

Estado. Paralelamente, ao dissolver a realidade objetiva no fluxo de muitas versões concorrentes, ao restringir o dizer e por consequência o pensar, ao criar e fomentar temores, uma sociedade de informação manipulada corre o risco de impedir qualquer mudança social que não seja a reprodução de suas próprias totalidades.

No trabalho intitulado “O poder da informação na sociedade da informação e nas organizações empresariais” (2015), Ju e Almeida discutem o poder controlador da informação, tendo o *1984* como pano de fundo. Aludem também à mudança nos registros e à destruição sistemática de documentos:

Assim, por meio das manipulações da informação, o Partido interferia fortemente na realidade das pessoas e diminuía sua capacidade reflexiva para que não conseguissem modificar a realidade estabelecida e imposta pelo Estado. Por meio disso tudo, vê-se que a informação é uma variável poderosa dentro do ambiente no qual está inserida e, portanto, tê-la é estabelecer o controle e o domínio sobre aqueles que dela fazem uso (JU; ALMEIDA, 2015, p. 127).

O raciocínio expresso aqui é muito claro: na medida em que informação é um recurso necessário para o comportamento organizado, controlar a informação em um ambiente social é controlar o comportamento dos agentes neste ambiente. É particularmente interessante, nesta passagem, a comparação dos autores entre o cenário do *1984* e a atual sociedade da informação.

Talvez o ponto mais interessante do artigo de Ju e Almeida seja a percepção de que o diário mantido pelo personagem Winston Smith é uma importante estratégia de autonomia, de crítica e de preservação da sua individualidade:

Mas, o personagem principal possui um diário para registrar o acontecido, que é a história. Mas é uma história não controlada, não determinada e, portanto, inadmissível, não aceita. O diário permite refletir sobre a vida, pensar sobre a vida e, assim, confrontar suas ações e vivências com o cotidiano dominado (JU; ALMEIDA, 2015, p. 128).

Era considerado um crime capital para um membro do Partido manter um diário, como um registro de informações que, por mais triviais que fossem, eram incontroláveis.

Winston Smith se refere à culpabilidade do ato de escrever um diário na seguinte passagem:

O que se dispunha fazer era abrir um diário. Não era um ato ilegal (nada mais era ilegal, pois não havia mais leis), porém, se descoberto, havia razoável certeza de que seria punido, por pena de morte, ou no mínimo vinte e cinco anos num campo de trabalhos forçados (ORWELL, 2003, p. 10).

Perceba-se que o controle de toda informação registrada - o que inclui criminalizar o mero ato de escrever um diário - transmite uma ideia de ordem rígida e de uma hierarquia sólida. Esta interpretação se adequa à leitura de Bauman, de que o *1984* representa a distopia

da modernidade industrial (sólida), que já teria sido ultrapassada pela modernidade em sua fase líquida. Mas, ao mesmo tempo é preciso recordar que, como forma de controle, a informação é constantemente alterada, incluindo notícias de jornais e registros oficiais, conforme o interesse momentâneo do Partido.

Não poderia, portanto, haver solidez, no sentido metafórico de manutenção da ordem e de princípios sociais, em uma sociedade que renega sua história, seus registros, seus documentos. Uma sociedade cuja 'forma' consiste justamente em repudiar a manutenção de uma forma. A respeito do membro médio do Partido, aquele que poderia ser considerado o cidadão, Orwell afirma: "Não tem liberdade de escolha em direção alguma. Por outro lado, seus atos não são regulados pela lei nem por nenhum código legal claramente formulado. Na Oceania não existe lei" (ORWELL, 2003, p. 203). Ressalte-se que as estratégias de controle do comportamento e mesmo de punição são tão flexíveis e ramificadas que, no dizer do personagem, "não havia leis". Difícilmente esta configuração poderia ser considerada como representante do sentido de "sólido" como desejava Bauman. É justamente a liquefação do poder, no sentido da metáfora do próprio Bauman, que permite sua penetração em todos os setores da vida social, tal como se percebe no *1984*.

3.3 Sobre a invasão da vida privada pela pública, o fim da intimidade e a vigilância

Um dos sintomas da estrutura informacional que a sociedade contemporânea vem desenvolvendo é a violação da fronteira entre a vida pública e a vida privada. A propósito, a reivindicação da intimidade e do espaço privado era vista com enorme desconfiança na sociedade descrita por Orwell: "Em Novilíngua havia uma palavra para isso: *proprivida*, que significava individualismo e excentricidade" (ORWELL, 2003, p. 83). Esta desconfiança com a individualidade pode ser observada, tanto no que se refere à vida coletiva frente à vida individual, quanto à iniciativa privada frente ao Estado nas atividades produtivas da vida material.

Diria Orwell em sua novela: "Nada pertencia ao indivíduo, com exceção de alguns centímetros cúbicos dentro do crânio" (ORWELL, 2003, p. 28). Na atualidade, algoritmos que coletam e organizam volumes imensos de dados através dos dispositivos pessoais de uso constante, o trabalho diuturno em escala global dos potentes servidores, reunindo informações de milhões de câmeras, unidades de geolocalização, sensores de diversos tipos, colocam o indivíduo numa vida conectada, aberta ao exame e interferência externa.

Orwell comenta no *1984* que: “Com o desenvolvimento da televisão e o progresso técnico que tornou possível receber e transmitir simultaneamente pelo mesmo instrumento, a vida particular acabou” (ORWELL, 2003, p. 198). Esta passagem representa bastante bem o problema enunciado por Bauman, da dissolução da vida pessoal na dimensão pública, devida ao fluxo informacional. O conceito de invasão da privacidade e liquefação da vida pessoal ocorre na página 82 de *Modernidade Líquida*. Ali, ele afirma o seguinte:

Muitos pensadores influentes (sendo Jürgen Habermas o mais importante deles) advertem sobre a possibilidade de que a ‘esfera privada’ seja invadida, conquistada e colonizada pela ‘pública’. Voltando à memória recente da era que inspirou as distopias como as de Huxley ou de Orwell, pode-se compreender tal temor (BAUMAN, 2001, p. 82).

Esta situação é fartamente exemplificada no livro de Orwell, a ponto de se poder considerar a história por ele contada como a história da dissolução, ou destruição do indivíduo, e sua reabsorção pelo Partido.

Em seu artigo “Power, knowledge and the subjects of privacy: understanding privacy as the ally of surveillance” (COLL, 2014), Coll discute o conceito de privacidade e as ameaças à sua manutenção. Neste trabalho, o autor abre seu discurso mencionando justamente o *1984* de Orwell, onde, segundo Coll, “o personagem principal, Winston Smith, pensava ter encontrado um lugar onde não poderia ser visto” (COLL, 2014, p. 1250). Esta impressão de Smith, como se sabe, revela um erro, pois “o espaço privado foi de fato pensado para exercer o controle sobre os cidadãos resistentes” (COLL, 2014, p. 1250). A novela de Orwell foi interpretada por Coll como uma forma de caracterizar a ideia de que “a privacidade, antes de ser apenas uma contramedida contra a vigilância, pode também ser uma parte de todo o mecanismo de vigilância” (COLL, 2014, p. 1250). Este tema recebeu um interessante tratamento por parte do autor do artigo e o que merece ser destacado para os propósitos da presente reflexão é que Coll recorre ao cenário distópico do *1984* como uma forma de introduzir o leitor no campo de discussão deste assunto.

Um dos horrores delineados por Orwell é evocado como bem real, aqui, por Coll: a noção de que a privacidade é utilizada como instrumento de poder, para isolar as pessoas numa vida individual, onde a comunicação e a ação coletiva coordenada ficam empobrecidas. A noção correlata é a de que os espaços privados – físicos e especialmente virtuais – uma vez que se encontram neste isolamento facilitam ainda mais a vigilância, a coleta de dados e o controle por parte do Estado e de organizações. Um registro de Winston Smith em seu diário pode ser ilustrativo deste horror, ainda mais quando se recorda que a manutenção deste diário foi um dos crimes que levou o personagem à prisão e à tortura:

Ao futuro ou ao passado, a uma época em que o pensamento seja livre, em que os homens sejam diferentes uns dos outros e que não vivam sós – a uma

época em que a verdade existir e o que for feito não puder ser desfeito: Cumprimento da era da uniformidade, da era da solidão, da era do Grande Irmão, da era do duplipensar! (ORWELL, 2003, p. 29).

A aparente privacidade individual se dissolve em solidão e a solidão é um projeto do poder totalitário. Nesta linha interpretativa, a referência ao *1984* trata-se nitidamente de uma chamada não apenas à memória cultural relacionada à popularidade da novela de Orwell, mas antes disso, trata-se de um convite à interpretação crítica de seu conteúdo no contexto de problemas bem reais da época atual: um convite à reflexão.

A saída entrevista contra a invasão da vida individual envolve combater a individualização da privacidade. Mesmo que à primeira vista esta expressão possa parecer contraditória, a ideia é que a privacidade seja considerada um bem de interesse social, e não apenas um recurso ou situação inerente aos interesses pessoais de cada um. Trata-se do valioso lembrete de que, numa sociedade da informação, seja ela de que tipo for, o pensamento cientificamente orientado, a erudição e a atitude crítica sejam guias na perseguição de objetivos comuns. Isso conduz à ideia de que a busca pela privacidade como um bem comum deve ser vista como um interesse positivo, e não apenas como a negação ou evitação de algum tipo de violação dos direitos individuais. A cooperação da sociedade organizada faria mais pela saúde da vida privada do que atitudes de indivíduos isolados.

3.4 Sobre a espetacularização da vida social e coletiva

Nos últimos parágrafos de sua obra, ao final do capítulo 5, intitulado “Comunidade”, Bauman recorre novamente à consideração comparada das distopias de Huxley e Orwell para discutir a massificação de experiências de caráter estético, através dos meios de comunicação. Precisamente na página 229, a análise detecta em *Modernidade Líquida* o conceito de transformação da experiência coletiva em espetáculo. Isso significa retirar o aspecto crítico e reflexivo e se substituir pelo aspecto estético e ritualístico, na vida social. Diz Bauman:

O admirável mundo novo de Huxley tomou emprestado ao *1984* de Orwell o estratagema dos ‘cinco minutos de ódio (coletivizado)’, complementando-o esperta e engenhosamente com o expediente dos ‘cinco minutos de adoração (coletivizada)’ (BAUMAN, 2001, p. 229).

Os ‘dois minutos de ódio’ (e não cinco como queria Bauman) são um momento em que a população, na história de Orwell, interrompe as suas atividades rotineiras e participa de uma celebração coletiva, profundamente ritualizada, de declaração de ódio aos inimigos do Partido e lealdade ao Grande Irmão.

A história narra diversas passagens como esta em que, “onde Winston trabalhava, já arrastavam cadeiras dos cubículos e as arrumavam no centro do salão, diante da grande teletela, preparando-se para os Dois Minutos de Ódio” (ORWELL, 2003, p. 12). O ritual equivalente, no livro de Huxley, se constitui de uma vivência de adoração a Ford, em que as pessoas se entregam, igualmente, a um êxtase massificado de expressão estética e emocional em torno dos ideais e da figura mítica do industrial americano que, em *Admirável Mundo Novo*, é o mentor da nova sociedade.

Na passagem supracitada, há um anacronismo a ser denunciado, pois *Admirável Mundo Novo* é de 1932, portanto bem anterior ao *1984*, que foi publicado em 1949. Se alguém tomou algo emprestado, não teria sido Huxley tomando de Orwell, mas justamente o contrário. Fora esse descuido de Bauman - que infelizmente abre dúvida sobre referências presentes em outras partes do livro – a ideia discutida é bastante pertinente, se considerada no contexto da sociedade da informação. Veja-se, por exemplo, o comportamento das pessoas em grupos de discussão nas redes sociais e a proporção que a reação delas a certos conteúdos pode tomar.

Bauman se refere à substituição de vivências coletivas de cooperação em torno de interesses comuns, pelas vivências coletivas de espetáculo e de manifestações emocionais ou de entretenimento, que são forjadas pela indústria da informação e moldam a conduta das pessoas. Afirma ele que “os espetáculos passaram a substituir a ‘causa comum’ da era da modernidade sólida” (BAUMAN, 2001, p. 229). Mais uma vez, contrariando a alegada inadequação do romance como alegoria da sociedade da informação, o que se percebe é uma representação da passagem de uma era sólida para uma era líquida das relações sociais: Especificamente, a passagem da ideia de causa comum para a ideia de sociedade do espetáculo – representado pelo ritual dos ‘Dois Minutos de Ódio’. A crítica que está na base desta observação não é nova, nem é autoria de Bauman. A teoria crítica do século XX, na voz de Benjamin, citado acima, já havia se manifestado contra o impulso totalitário, seja ostensivo, seja sutil, de ocupar a vida social com um elemento estético e espetacular, que criasse um revestimento ou distração, a fim de evitar o choque de interesses e a contestação da estrutura hierárquica da sociedade.

Em seu ensaio intitulado “A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução” (inicialmente publicado em 1936), Benjamin discute longamente o papel da arte, especialmente as formas de arte tornadas possíveis pela tecnologia de reprodução, como era, em seu tempo, o caso do cinema. Ao comentar o uso dos meios de disseminação cultural pelo totalitarismo ele comenta, ao final de seu discurso: “Essa é a estetização da política, tal como pratica o fascismo” (BENJAMIN, 1983, p. 28). Como bem explicou este pensador, a guerra moderna é um dos

grandes objetos dessa satisfação estética, o que, aliás, poderia ser profundamente exemplificado pelo *1984*, a fim de refletir sobre as estratégias fluídas da espetacularização da violência institucionalizada através das redes sociais e dos meios de comunicação de massa. Para exemplificar, nem seria preciso aludir ao cinema e demais obras ficcionais. Basta pensar no caso das coberturas internacionais em tempo real de guerras, atentados e conflitos armados. Estas apresentações massificadas, através das agências de notícias e de milhares de dispositivos pessoais fotografando e filmando cada acontecimento, apresentam aos sentidos e mentes da população conectada às redes o espetáculo da violência em escala global: fazem da guerra um circo. Contudo, Bauman não chega a aprofundar este tema em *Modernidade Líquida*.

4 Conclusões

Neste breve estudo foi possível entrever alguns resultados interessantes da forma como uma obra teórica de reconhecida relevância como *Modernidade Líquida*, de Bauman, se vale do apoio de um trabalho literário da envergadura do *1984*, de Orwell, a fim de compor os elementos de seu discurso e aprofundar a experiência de reflexão e crítica na relação com seus leitores. A relação entre a prática da pesquisa científica e a interpretação do discurso literário é apresentada através do caso aqui abordado, da relação entre a obra de Bauman e a de Orwell. A demanda proposta inicialmente, contudo, parece ter sido satisfeita: refletir sobre as características da sociedade da informação, levando em conta teorias que fundamentam esta reflexão e o papel da literatura, especialmente das distopias, na compreensão e apropriação crítica de elementos para tal reflexão.

Em termos mais específicos, a reflexão empreendida neste estudo revela que Bauman fez menção ao romance de Orwell a fim de ilustrar, ou 'figurar', temas que já estavam sendo desenvolvidos no fluxo principal de seu movimento argumentativo. Também é possível perceber que estes temas chamaram atenção de outros estudiosos, e que guardam relação com a abordagem teórica e crítica da sociedade da informação. Esta é a conclusão que resulta da análise dos quatro focos de ocorrência das referências a Orwell e ao *1984* no texto de *Modernidade Líquida*.

Este uso ilustrativo ou figurativo da obra literária é certamente viável e fértil, especialmente para a experiência de compreensão do leitor. Por outro lado, deixa passar certas imprecisões, como foi o caso na passagem citada da página 229 de *Modernidade Líquida*, em que Bauman confunde a ordem cronológica de lançamento das distopias de Huxley (1932) e Orwell (1949). Insistir em apontar este pequeno engano é um preciosismo, feito aqui apenas

para chamar atenção para um ponto de maior relevância: Bauman, de um lado, presta tributo ao potencial do romance *1984*, pelas alusões e referências a este livro em seu texto. Por outro lado, recusa um olhar mais aprofundado para os conceitos com que Orwell opera, sob a alegação de que sua obra não chega a ser representativa da etapa informacional e líquida da modernidade, e sim de seu momento industrial e sólido.

A leitura atenta do próprio texto de Orwell, o exame mais cuidadoso do enredo e das estratégias narrativas do *1984*, contudo, permite que no presente estudo se possa propor a via contrária. O controle absoluto obtido pelo Partido sobre a população, que personifica o *1984*, é tornado possível justamente pela fluidez ou liquefação de algo fundamental para a vida social: o legado cultural registrado na forma de informação, em documentos de diversos tipos, e nos próprios meios de transmissão do significado. Como se espera ter mostrado, o controle do Partido no *1984* é essencialmente um controle do pensamento. Em termos sociais e culturais, a palavra “pensamento” significa informação sendo acumulada, recordada, produzida ou destruída, esquecida e adulterada.

Se esta interpretação faz sentido, o resultado que este estudo obtém ultrapassa a leitura proposta por Bauman. Tal resultado é que a obra literária *1984*, de George Orwell, na condição de uma narrativa distópica, é um instrumento de pensamento adequado, fecundo e relevante para a consideração de temas alusivos à sociedade da informação, segundo uma perspectiva crítica. A flexibilidade e penetrabilidade da tecnologia, assim como a abundância do fluxo informacional, podem ser consideradas à luz desta distopia, com vistas a um tratamento crítico e aprofundado destas questões, dialogando com os estudos científicos.

Referências

BARBOSA, Sidney. A literatura e a ciência da informação. In: SILVA & BARROS (Org.). *Ciência da Informação, Múltiplos diálogos*. Marília: Oficina Universitária Unesp, 2009.

BARTHES, Roland. *Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França*. São Paulo: Cultrix, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Vigilância Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: *Charles Baudelaire um lírico no auge no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COLL, Sami. Power, knowledge and the subjects of privacy: understanding privacy as the ally of surveillance. *Information, Communication and Society*, v.17, n. 10, p. 1250-1263, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1369118X.2014.918636?scroll=top&needAccess=true> Acesso em 21 de junho de 2019.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FALK, Matheus & RODRIGUES, Renê. O problema da vigilância na sociedade da informação tecnológica: considerações introdutórias. CONGRESSO IBEROAMERICANO DE INVESTIGADORES E DOCENTES DE DIREITO E INFORMÁTICA, 5., UFSM, 2015. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2015/6-15.pdf> Acesso em 21 de junho de 2019.

FLORIDI, Luciano. *The Fourth Revolution – How the Infosphere is Reshaping Human Reality*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo, 2002.

JU, Juliete de Susann F. de Souza; ALMEIDA Jr., Oswaldo. O poder da informação na sociedade da informação e nas organizações empresariais. *Cadernos BAD*, Lisboa, n. 1, p. 125-138, 2015. Disponível em: <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/1171> Acesso em 21 de junho de 2019.

LOBATO, Monteiro. *O Presidente Negro*. São Paulo: Globo, 2009.

MATTELART, Armand. Sociedade do conhecimento e controle da informação e da comunicação. ENCONTRO LATINO DE ECONOMIA POLÍTICA DA INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA, 5., Salvador, novembro de 2005. Disponível em: www.gepicc.ufba.br/enlepcc/ArmandMattelartPortugues.pdf Acesso em 21 de junho de 2019.

MOORE, Alan; LLOYD, David. *V de Vingança*. São Paulo: Globo, 1989.

MORHY, Anete de Souza. 1984 – Uma análise sobre o controle da informação no filme e no livro. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORTE, 7., 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2007/resumos/R0053-1.pdf> Acesso em 21 de junho de 2019.

ORWELL, George. *1984*. 29. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. *Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WERTHEIN. A sociedade da informação e seus desafios. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago., 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/889> Acesso em 21 de junho de 2019.

